

## UM DIÁRIO TORNADO ROMANCE OU UM ROMANCE EM FORMA DE DIÁRIO? – O *MEMORIAL DE AIRES*, DE MACHADO DE ASSIS

O que é um diário tornado romance? Ou, por outro modo, como pensar um romance em forma de diário? A contradição parece ser o seu traço distintivo, uma vez que um diário é aquilo que se escreve para leitor nenhum ou, no máximo, para um só leitor: o próprio autor do diário. O romance, pelo contrário, é aquilo que se escreve para qualquer um, aquilo que se destina ao maior número de leitores.

*Memorial de Aires*, último romance escrito por Machado de Assis, é um livro que assume a forma de um diário. Como explicado na *Advertência* pelo editor M. de A., o livro que se tem em mãos é uma parte do *Memorial* do conselheiro Aires, que o escrevia "nos lazeres de ofício".<sup>1</sup> Precisa-se também, nesta mesma *Advertência*, que

Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dous anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões, – pode dar uma narrativa seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve pachorra de a redigir à maneira daquela outra, – nem pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto.<sup>2</sup>

Aires é o diplomata que havia aparecido em *Esau e Jacó*<sup>3</sup> – narrativa esta escrita por ele (diplomata) em um caderno que intitulara "Último". Este – e isto está explicado na

---

<sup>1</sup> ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p. 1096.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> O Conselheiro Aires é, portanto, o autor suposto de dois livros machadianos: *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Associada a sua problemática sobre Machado de Assis como um autor de autores, Abel Barros Baptista desenvolve uma análise instigante sobre como as advertências desses dois últimos livros complicam a compreensão dos mesmos e impedem a definição de uma assinatura do autor Aires. Baptista também chama a atenção para o fato de que inúmeras leituras dos dois romances desconsideram suas advertências, como se

*Advertência a Esaú e Jacó* – era um dos sete cadernos que se encontraram na escrivaninha do conselheiro após a sua morte. Os outros seis tinham um número de ordem, em algarismos romanos: I, II, III, IV, V, VI e, ao contrário do "Último", faziam "parte do *Memorial*, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos". Explica-se igualmente, na mesma *Advertência* não-assinada, que na ocasião da descoberta dos manuscritos decidiu-se pela publicação somente da narrativa contida no "Último" e que, como não se compreenderam as razões pelas quais estava assim intitulado, adotou-se aquele outro título, aliás sugerido pelo próprio Aires nas páginas que escreveu.<sup>4</sup>

É impossível não nos lembrarmos, aqui, do "Prefácio do Autor" – mais corretamente, do editor – de *Les liaisons dangereuses*:

Esta obra, ou antes, esta compilação, que talvez o público ache ainda muito volumosa, só constitui, entretanto, pequena parte da correspondência de que é extraída. Encarregado de organizá-la por pessoas a cujas mãos ela foi ter, e que eu sabia terem intenção de publicá-la, só pedi, como prêmio de meus cuidados, permissão para podar tudo o que me parecesse inútil. De fato, tratei de conservar apenas as cartas que se me afiguraram necessárias, seja à inteligência dos acontecimentos, seja ao desenvolvimento dos caracteres. Se se acrescentar a este ligeiro trabalho o de tornar a pôr em ordem as cartas escolhidas, para o que eu quase sempre segui a ordem das datas, e enfim certas notas, curtas e raras, [...] ter-se-á conhecido toda a minha participação na obra.<sup>5</sup>

À semelhança do que ocorre em Choderlos de Laclos, a ficção do manuscrito encontrado explica como o livro de Machado de Assis é um diário tornado romance, ou um romance em forma de diário. Ao contrário do que ocorre no livro do escritor setecentista, porém, em Machado a ficção que explica o *Memorial* não é nele mesmo inaugurada, sendo antes um desdobramento da que funda o romance que o antecede, *Esaú e Jacó*. As advertências dos dois romances exigem uma à outra. Uma vez que o conselheiro Aires e,

---

elas não fossem importantes ou trouxessem uma complicação na qual não vale a pena se deter. Ver BAPTISTA, Abel Barros. *Autobiografias*: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 338-429.

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 1, p. 946.

<sup>5</sup> LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas* ou Cartas recolhidas num meio social e publicadas para ensinamento de outros. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. p. 9.

mais importante, a explicação sobre como o manuscrito do *Memorial* foi encontrado aparecem no livro sobre os gêmeos, é sempre preciso remeter a ele. Por outro lado, tendo ambos, Conselheiro e diário, aparecido em *Esau e Jacó*, a publicação do *Memorial* exige uma "Advertência" que explique como, daquele manuscrito, se fez um livro – ou, mais precisamente, como, através da supressão de partes dele, se fez um romance – ao mesmo tempo que relembre sua origem.

Pode-se, então, pensar o diário tornado romance, ou romance em forma de diário de Machado de Assis a partir daí: trata-se de um livro assentado sobre a ficção do manuscrito encontrado. O que coloca uma primeira questão: qual o sentido dessa ficção? Que valor ela tem para a literatura do século XIX? Isto pode ser respondido, inicialmente, de maneira oblíqua, a partir da exploração do significado que ela assumiu no século de *Les liaisons dangereuses*.

Naquele momento, explica-nos Jean-Marie Goulemot,<sup>6</sup> instala-se no romance "toda uma *mise-en-scène* com o objetivo de criar o efeito de verdade do texto literário". Tal é o caso, entre outros e além de em *Les liaisons dangereuses*, em *A nova Heloísa*, que seria, como o livro de Laclos, mera compilação de cartas remetidas ou encontradas. Tais procedimentos destinavam-se a fazer o livro passar por verdadeiro, por meio da negação, justamente, de seu caráter de romance, como se ele apenas apresentasse um discurso espontâneo, produzido por um não-escritor, não destinado à publicação.<sup>7</sup> Era por inscrevê-lo na ordem do privado, do íntimo, do secreto, portanto, que tais procedimentos revestiam o romance de um efeito de verdade. Na mesma lógica inseriu-se o processo de proliferação dos romances em primeira pessoa e dos romances epistolares:

O romance epistolar, que conhece o apogeu no século XVIII, deve ser inserido nessa evolução do gênero que fundamenta no íntimo seus efeitos de verdade. Assim como o romance na primeira pessoa passa por verdadeiro porque um sujeito próprio assume o relato romanescos e o eu é

---

<sup>6</sup> GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 371-405.

<sup>7</sup> Laclos é, ainda uma vez, exemplar: "Desejaria também ser autorizado a cortar algumas cartas demasiado longas, entre elas várias que tratam separadamente, e quase sem transição, de assuntos de todo estranhos entre si. [...] Objetaram-me que eram as próprias cartas que se queria fazer conhecer, e não simplesmente uma obra feita com base nessas cartas;" LACLOS, Choderlos de. *As relações perigosas*, cit., p. 10.

apresentado como garantia de verdade, assim também o romance epistolar se autentica por seu caráter íntimo. Sua verdade (seu efeito de verdade, deveríamos dizer) deve-se não só ao fato de que se apresenta como não-fictício (os autores das cartas não tinham como objetivo escrever um romance), mas também ao caráter estritamente privado, íntimo, da correspondência.<sup>8</sup>

Goulemot enfatiza a necessidade de não desconsiderar que o recurso a esta *mise-en-scène*, ainda que recorra ao privado como esteio do verdadeiro, não deve ser lida unicamente como indício dos avanços do privado sobre o público. Isto porque ela colocava a prática narrativa em uma situação paradoxal – bem própria, aliás, à era clássica: tornar o íntimo o esteio do verdadeiro depende de exibi-lo, fazê-lo abandonar o espaço privado, torná-lo um ocupante da cena pública. "O íntimo simula o verdadeiro, mas para tanto se torna público. A literatura se apresenta como uma violação. É porque se tornou público que o privado pode servir de garantia."<sup>9</sup>

Ficção do manuscrito encontrado e efeito de verdade do romance. A quem, hoje, ocorre ler a partir dessa relação um romance como *Nove noites* resta apenas ver frustrada sua tentativa. No romance de Bernardo Carvalho, parte da narrativa é atribuída a Manoel Perna, engenheiro que, na década de 1930, passou nove noites com o antropólogo cujo suicídio é investigado pelo outro narrador. Cartas escritas pelo antropólogo, o norte-americano Buell Quain, por seus familiares, por amigos e conhecidos e por autoridades brasileiras, além de fotos, trechos de diário e relatos de entrevistas, são integrados ao livro. A dificuldade de uma tal leitura, aparentemente exigida pelo próprio romance, está em que, se há um sentido na utilização da ficção do manuscrito encontrado, este só pode ser o da subversão de seu sentido. Isto porque o testamento de Manoel Perna, supostamente encontrado, foi na verdade inventado pelo outro narrador, o investigador. Nada de mais, pode-se talvez dizer. Em todos os romances em que se recorre a tal ficção, o autor apenas atribui a outro o que ele mesmo inventou. Sem dúvida. Mas em nenhum deles ele fará o seu narrador dizer que inventou a história. Instaurada a ficção, ela não é denunciada. É isto, no entanto, o que faz o segundo narrador em *Nove noites*. Por outro lado, as cartas, fotos,

---

<sup>8</sup> GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*, cit., p. 395.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 396.

trechos de diário, relatos de entrevistas não são inventados, mas verdadeiros. O narrador, mais do que se fazer passar por biógrafo e investigador, convence o leitor de haver-se convertido em um deles, fazendo do seu livro também um relato de pesquisa. Ao mesmo tempo que desmente esse caráter pela invenção do documento (o testamento de Perna) que sustentaria sua hipótese explicativa. A lógica do manuscrito encontrado é aqui duplamente subvertida, porque o que se busca subverter – ou ao menos complicar – é a relação que ele supõe, no romance, entre ficção e verdade.<sup>10</sup>

No século XVIII, recurso para garantir um efeito de verdade. No final do XX, recurso para confundir ficção e verdade. De um século ao outro, como o argumento do manuscrito encontrado foi percebido entre os contemporâneos de Machado de Assis?

### **Primeira crítica machadiana e a ficção do manuscrito encontrado**

Podemos buscar a resposta nas resenhas<sup>11</sup> que circularam na imprensa quando da publicação de *Memorial de Aires* (1908). Destacou-se, então, que, através da *Advertência*, o autor atribui a narrativa a um outro? Como tal atribuição foi percebida ou avaliada? Como se explicou que o autor tivesse recorrido a tal procedimento, que intenções lhe foram reputadas? E, mais importante: considerou-se que a utilização da ficção do manuscrito encontrado proporcionou ao romance uma intensificação de seu efeito de verdade?

Uma das primeiras reações ao último romance de Machado de Assis saiu no carioca *A Imprensa*, assinada por Alcindo Guanabara.<sup>12</sup> Dela retiramos apenas o trecho que se relaciona à questão levantada:

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>11</sup> Em seu trabalho inovador sobre os leitores de Machado de Assis, Hélio de Seixas Guimarães publicou, em anexo, as resenhas e comentários que saíram na imprensa quando da primeira publicação dos romances machadianos. Todas as resenhas de *Memorial de Aires* aqui citadas têm por fonte esse livro de Guimarães. Ver GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial, Edusp, 2004. p. 291-483. Para as resenhas sobre *Memorial de Aires*, ver páginas 448-483.

<sup>12</sup> Alcindo Guanabara, sob o pseudônimo Pangloss, em *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 29.7.1908, p. 2. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 448-450.

Não se procure nos romances de Machado de Assis tramas intrincadas, nem paixões violentas: não ha nelles nada mais do que a vida, não a vida excepcional, que comporta tragedias, mas a vida ordinaria, a vida do commum dos homens, a vida de todos os dias, a vida banal... Referir-nos, nessa forma de memorias, que é tão sua, em cerca de 200 paginas, episodios vulgares da vida ordinaria e fazel-o de modo a prender a atenção e a interessar vivamente o leitor, já só por si bastaria para salientar-lhe o mérito. [...].

Esse *Memorial de Ayres* é apenas a collectanea de observações de um velho diplomata aposentado que, depois de girar 30 annos pelas legações do Brasil, vem terminar a vida na patria, e passa os dias entre uma irmã viuva e um casal muito unido que, por nunca ter tido filhos, adoptou dois, um rapaz e uma rapariga, que acabam, como é de regra, por se casar.<sup>13</sup>

É flagrante, em primeiro lugar, que Guanabara parece ignorar a *Advertência*, já que não menciona a origem do livro como encontrado nem sua relação com *Esau e Jacó*. Prefere associá-lo, por meio da menção à forma das memórias, a outros livros de Machado de Assis – as *Memórias póstumas de Brás Cubas* sendo a referência mais imediata – para o que se esquece de que o *Memorial de Aires*, apesar do título, não é um livro de memórias, mas sim um diário. Suas anotações não distam senão algumas horas dos fatos comentados – não são a revisão de uma vida, como o livro de Brás Cubas ou o de Dom Casmurro – e não são votadas à publicação. Por outro lado, ao definir o *Memorial* como "collectanea de observações de um velho diplomata aposentado", o resenhista claramente utiliza-se da *Advertência*, visto encontrar-se ali a explicação de que não todo o *Memorial*, mas apenas parte dele, ou seja, apenas uma "coletânea", foi entregue para a impressão. Sobre as relações deste procedimento com o potencial de verdade do romance, Guanabara nada nos diz.

A mesma referência à forma de memórias e o mesmo silêncio sobre um efeito de verdade de um manuscrito encontrado estão presentes no texto de V. (Valentim Magalhães?), publicado em *O Commercio* de São Paulo, em 9 de agosto de 1908:<sup>14</sup>

Neste, como nos outros romances de Machado de Assis, não se vá procurar uma longa e intrincada historia em que ha explosões incoerciveis de paixões violentas, ou scenas theatralmente dramaticas. Escripto em

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 448-449.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 456-457.

fórma de memórias, este livro refere-nos nas suas trezentas paginas, episodios da vida banal, da vida ordinaria, da vida de todos os dias. E é narrando esses lances vulgares da vida que Machado de Assis verte para o papel todo o seu grande e fino "humour", todo o seu mordaz scepticismo, que mal encobre a bondade inalteravel da sua alma.<sup>15</sup>

Alguns dias antes de V., em 3 de agosto de 1908, e sob o pseudônimo de Cândido, José Veríssimo publicou a sua resenha no *Correio da Manhã*.<sup>16</sup> Não deixou de mencionar a forma da narrativa. O que nela sublinha é o risco que obriga a enfrentar:

A fórma da narrativa, em notas escriptas ao sabor do acaso e das impressões, devia ser fastidiosa e certo o seria sem o talento do mestre que tem sempre um traço original de observação, uma nota scintillante no dizer, um primor no dialogo, uma feição particular de psychologia. [...].

Ayres, o diplomata aposentado, profundo psychologo servido por 30 annos de diplomacia, atraz de cuja figura parece que se esconde a personalidade do auctor, já na casa dos sessenta e dois, ao encontrar a "saborosa" viuva Fidelia, murmura de si para si o verso de Schelley [sic] [...].

Os perfis são destacados com um vigor que os faz viver vida real, movendo-se nesses dois annos de existência annotados pela mão de Ayres.<sup>17</sup>

Se novamente nos defrontamos com um silêncio quanto ao procedimento que nos interessa, é possível, por outro lado, identificar em Veríssimo o que parece ser a origem da aproximação entre o escritor e seu personagem, ambos "profundos psychologos". É dessa qualidade de Aires – e não do fato de se tratar de um texto recolhido – que deriva o efeito de verdade do romance. É porque são observados pela ótica do diplomata, que é talvez a de Machado de Assis, que os personagens parecem viver vida real.

Características semelhantes marcam a apreciação que Salvador de Mendonça endereçou ao próprio escritor, em carta aberta, publicada no *Jornal do Commercio*, em 6 de setembro de 1908:<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 456.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 450-455.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 451, 452, 454.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 465-468.

Duas grandes dificuldades venceste, como quem se apraz em suscital-as para, ao combatel-as em caminho, dar prova de extrema destreza, certo sempre da victoria. A fórma do teu estylo, teus periodos curtos tiveram de se encurtar ainda mais pelas exigencias de quem escrevia um memorial ou diario, e dahi succedeu que algumas paginas sahiram verdadeiras miniaturas. Outras são aquarellas pintadas todas de um jacto de expressões felizes. A segunda difficuldade vencida consiste em que, tendo de coar todas as suas personagens através da meia ironia e meia descrença de Ayres, nenhuma dellas se resente dessas qualidades ou defeitos. Sahiram todas humanas, como a gente as encontra no Flamengo ou na barca de Petrópolis, ou as acotovella na Avenida.<sup>19</sup>

Curiosamente, para Salvador de Mendonça a personalidade de Aires constitui não um dispositivo que conferiria maior verossimilhança ao romance – como parece ser para José Veríssimo – mas aquilo que precisa ser vencido para que se possa alcançá-la. De comum, silêncios e mais silêncios.

Já nesse texto publicado pela primeira vez no *Diário da Bahia*, e mais tarde republicado por Almachio Diniz em *Da Esthetica na literatura comparada* (Garnier, 1911),<sup>20</sup> podemos encontrar uma primeira referência à relação do *Memorial* com *Esau e Jacó*:

O – *Memorial de Ayres* – não é uma continuação do – *Esau e Jacob* –; é um incidente que se desenvolve com as forças de um rebento, para formar um ramo frondoso de uma arvore copuda... [...].

[...] não encontrei a justificativa da forma do romance: a memorial. O romance é o caderno ou o livro em que o *conselheiro Ayres* escrevia sua vida, assim compreendendo eu o titulo. No entanto, escrevendo o seu memorial de mais de quatrocentos dias, o *conselheiro Ayres* rarissimamente de si se occupa, o que quer dizer que os seus conviventes são, em suas vidas, nos seus habitos e nos seus defeitos, os memoriados no seu trabalho.<sup>21</sup>

Com ele, descobrimos também que a crítica – ou observação – tornada corriqueira, talvez mesmo obrigatória, de que o romance se contradiz enquanto diário íntimo não escapou aos contemporâneos de Machado de Assis. Outros iriam insistir nessa suposta incoerência:

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 467.

<sup>20</sup> Ibidem p. 457-462.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 461-462.



Há na composição da obra uma inverosimilhança fundamental. Ela é dada como o diário de um velho diplomata aposentado, que se diverte a escrever as suas memórias. É uma forma de que o autor de *Braz Cubas* gosta e que, de fato, lhe convém muito, porque permite as pequenas observações minuciosas e finas. Cada um diz a si mesmo coisas que não diria a outrem em caso nenhum. Assim, um diário íntimo pode conter observações muito mais penetrantes do que seria verosímil encontrar em uma conversa.

Mas o *Memorial de Ayres* tem a singularidade de tratar quase exclusivamente do que se passa com uma família amiga. Fala pouco de si mesmo, pouquíssimo de outros episódios que, por força, se deviam suceder freqüentemente, todos os dias, na sua vida.

Não é natural!

Sem dúvida, os que gostam de escrever as próprias memórias escrevem, sobretudo, as dos outros... Mas escrevem, sempre constituindo-se o centro do mundo, o ponto de vista do qual tudo é analisado. Não se compreende quase que um escritor de memórias se dedique a esse trabalho, se ele não julga que a sua vida tem uma certa curiosidade, um certo valor.

Ayres escrevia o seu memorial para contar o que com ele ocorria. É pelo menos o que expressamente nos declara. No entanto, durante todo o volume só se ocupa a nos narrar o que se passa em casa de dois amigos, que ele visita com frequência, mas com os quais não está constantemente.

Para que o caso se tornasse natural, seria bastante que entre cada um dos capítulos e o seguinte do *Memorial*, o autor tivesse metido diversos *hors d'oeuvre*: fatos, descrições, observações, que Ayres tivesse visto ou feito. Quanto mais perspicácia e finura, Machado pôs no seu personagem, mais torna absurdo que ele só as empregue em examinar o que ocorre em um pequeno ponto, onde afinal de contas o que se dá não é nada de excepcional.<sup>22</sup>

O texto de Medeiros e Albuquerque parece nos conduzir de volta às análises de Jean-Marie Goulemot sobre os sistemas de credibilidade do romanesco: um escrito do âmbito privado, sendo íntimo e secreto, é mais verdadeiro do que aquele que se escreve para um grande número. Encontraríamos aí as respostas sobre a relação da literatura oitocentista com a ficção do manuscrito encontrado: como no século XVIII, esta tinha por objetivo oferecer ao romance um efeito de verdade. Contra esta certeza, é preciso atentar

---

<sup>22</sup> Medeiros e Albuquerque, sob o pseudônimo de J. dos Santos, em *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16.9.1908, p. 1. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 469-471.

para uma confusão que as análises de Goulemot, interessadas na publicidade do privado na literatura setecentista, acabam por nos induzir a cometer.

Tal confusão diz respeito àquilo que, na ficção do manuscrito encontrado, constitui a garantia de verdade: a afirmação de que o livro é um manuscrito encontrado ou, mais particularmente, o tipo de texto que este manuscrito encontrado é. No primeiro caso, a verdade está em ser o próprio texto da ordem do verdadeiro, do documental, pode-se dizer. No segundo, há uma questão mais particular: o texto interessa em razão do que autoriza dizer ou do que faz dizer. No século de *Les liaisons dangereuses*, parece haver uma indistinção entre estes dois aspectos: as cartas, escritos da ordem do privado, interessam tanto por serem cartas quanto por serem supostas verdadeiras, ou interessam tanto mais por serem cartas dadas como verdadeiras.

Ao se analisar, porém, a maneira como os resenhistas de *Memorial de Aires* e, mais especificamente, Medeiros e Albuquerque lidam com o fato de o livro ser atribuído a outro, tem-se a impressão de que essa indistinção desaparece e que a verdade é associada não a ser o livro dado como encontrado, mas ao tipo de texto que ele é. É por ser escrito em forma de diário que ele permite a sinceridade que o resenhista lhe sublinha.

Isso torna-se mais claro se comparamos a recepção do *Memorial de Aires* com a de *Esaú e Jacó*, este também, como vimos anteriormente, dado por manuscrito encontrado. Aos vários resenhistas que criticaram o livro raramente ocorreu mencionar a presença da *Advertência*. Talvez pela dificuldade que ela coloca, ao atribuir ao Conselheiro Aires uma narrativa em que ele aparece como personagem, apresentado na terceira pessoa por um narrador onisciente.<sup>23</sup> Mas haverá, certamente, algum sentido nesse silêncio, sobretudo se considerarmos que os críticos da primeira hora não deixaram de enfatizar o poder de verdade do romance, sem o associar de maneira alguma com a ficção que nos ocupa.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> O Conselheiro aparece no final do capítulo XI, sendo apresentado no XII, intitulado "Esse Aires". Diz o narrador: "Esse Aires que aí aparece conserva ainda agora algumas das virtudes daquele tempo, e quase nenhum vício" (ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa* 1997, cit., p.964).

<sup>24</sup> Assim, escreve Mário de Alencar, no *Jornal do Commercio* (outubro de 1904): "É particularmente por esta feição que o livro me domina: pela superior, pela absoluta reprodução ou idealização da vida humana, a ponto que, lendo-o, eu não estava lendo, mas vivendo entre os personagens d'elle, no passado e no presente [...]. Quando fechei o livro, foi como se saísse da realidade, do mundo em que moro, e tive pena de que ella não continuasse sempre ou por muito tempo ainda, até a consumação dos meus dias. [...]. Sem sahir da verossimilhança e da verdade, o autor pôde juntar no livro o que anda espelhado na cidade e no tempo, ou

Somadas, todas estas considerações autorizam a pensar que o sentido da ficção do manuscrito encontrado, no século XIX, não é o de, por si própria, conferir ao romance um maior efeito de verdade. Sua razão de ser estaria, antes, em tornar coerente o recurso a uma determinada forma narrativa: diário, cartas ou memórias.<sup>25</sup> O descortinar mais agudo da vida, da realidade, das pessoas ou de determinados acontecimentos seria, por sua vez, permitido pela utilização dessas formas – interessantemente, todas autobiográficas.

### **Narrativa em primeira pessoa, diário e verdade**

De maneira que nos vemos pinçados de volta ao século XVIII e às considerações de Jean-Marie Goulemot – agora, sobre o romance em primeira pessoa. E nos vemos novamente às voltas com um deslocamento. Um deslocamento que nos conduz, aliás, a um mesmo ponto. Pois, se nos romances setecentistas o eu é o fundamento da verdade, no século de Machado de Assis tal fundamento passa às formas narrativas. É o que elas permitem dizer, o que elas fazem com que se diga que proporciona maior sinceridade ao relato. Medeiros e Albuquerque é, ainda uma vez, elucidativo: "[A composição] é dada como o diário de um velho diplomata aposentado, que se diverte a escrever as suas memórias. É uma *forma* de que o autor de *Braz Cubas* gosta e que, de fato, lhe convém muito, porque *permite as pequenas observações minuciosas e finas*".<sup>26</sup>

Narrativa em primeira pessoa, diário e verdade. É no interior desta mesma chave que Alfredo Bosi pensa o *Memorial de Aires*.<sup>27</sup> Estabelecendo, como Medeiros e Albuquerque, uma relação entre Aires e Brás Cubas. Segundo o crítico, o que "importa a

---

apagado e indistinto no turbilhão das cousas e dos factos." (In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 423).

<sup>25</sup> Neste sentido e como foi anteriormente observado, a utilização dessa ficção em *Esauí e Jacó* conserva seu caráter intrigante, já que a expectativa gerada pela "Advertência" não se confirma: a narrativa é atribuída a um personagem, mas não é assumida por ele. A particularidade deste uso machadiano nos foi chamada à atenção no artigo de Teresinha Silva. Ver SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Diplomática atração do mundo. In: *Espéculo*. Revista de estudios literarios. Madrid: Universidad Complutense de Madri, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/diploma.html> (consulta em 24/09/2007).

<sup>26</sup> Grifos nossos.

<sup>27</sup> BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 3ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 127-148.

ambos os memorialistas é exercer um poder raro e terrível, o poder de dizer o que se pensa".<sup>28</sup> E, como Medeiros e Albuquerque, ele enfatiza o modo pelo qual o exercício da sinceridade liga-se a determinada forma narrativa: a memória póstuma ou o diário. É no interior destes espaços, de onde o pudor e o medo de desagradar foram expulsos, que se pode dizer a palavra verdadeira.

Compartilhando o mesmo poder, falso morto e diplomata solitário não o exercem da mesma maneira. Enquanto aquele é "descarado até o cinismo", este é "mediador por ofício e resignação".<sup>29</sup> Não é à toa que o Conselheiro se autodefine através da figura do compasso: aquilo que abarca os dois extremos, que aceita os dois lados da história, que apara as arestas. Neste sentido, afirma Bosi, a forma-diário desempenha também um papel estruturador: deixar que as coisas passem para só depois, de maneira distanciada, torná-las matéria de escrita.

Narrativa em primeira pessoa, diário e verdade. A esta maneira de pensar o *Memorial de Aires* contrapõe-se outra, associada a determinadas certezas da crítica do século XX – e, sobretudo às de uma corrente da crítica machadiana –<sup>30</sup> para a qual esse tipo de narrativa *impõe* uma necessidade dupla: a de se explicitar, ao mesmo tempo, a não-confiabilidade do narrador e a existência de uma outra história, distinta da que nos é contada.

Exemplar dessa perspectiva é a interpretação do *Memorial de Aires* desenvolvida por John Gledson,<sup>31</sup> que o insere na mesma linha de análise de um outro romance machadiano dito também exigir uma "leitura a contrapelo":

É muito possível – e acredito que seja necessário – tratar a relação entre narrador e enredo, em *Memorial de Aires*, da mesma maneira como deve ser tratado – e tem sido – em *Dom Casmurro*. Ou seja, como resultado de uma saudável desconfiança em relação ao narrador, devemos ser capazes de reelaborar o enredo, e reconstruir outro, diferente daquele que Aires

---

<sup>28</sup> Ibidem, p.129-130.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>30</sup> Abel Barros Baptista faz uma ácida crítica a esta tradição de leitura, por ele denominada de "paradigma do pé atrás". Ver BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias*: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis, cit., p. 367-425.

<sup>31</sup> GLEDSON, John. *Memorial de Aires. Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 215-255.

conta. Fazendo isso, esse enredo se torna muito mais poderoso e significativo, como visão da realidade social e histórica.<sup>32</sup>

Diferentemente de Bento Santiago, no entanto, o Conselheiro Aires não seria um narrador enganador, mas um narrador enganado, incapaz de perceber que Tristão e Fidélia já se conheciam antes de 1888, que eles apenas encenam, ao longo de quase todo o romance, suas reações um para com o outro, que a corte de Tristão não passa de uma charada, "criada tanto por Tristão quanto por Fidélia para seus amigos e conhecidos cariocas, com o único objetivo de se casarem respeitavelmente e voltarem a Portugal, com o dinheiro dela".<sup>33</sup> Essa incapacidade de Aires derivaria de seus sentimentos em relação a Fidélia, que fariam dele um observador não ideal da história da viúva; do fato de ser não um simples diarista, mas um novelista embutido num memorialista, isto é, alguém que está ansioso por contar uma história, para ver nos acontecimentos um enredo, e não apenas acontecimentos; de seus preconceitos e opiniões preconcebidas, como sua visão repetitiva da História ou o seu ceticismo (que não é, afirma Gledson, garantia de verdade), os quais impedem-no de enxergar possíveis verdades. E envolveriam o leitor, também ele incapaz de perceber que em *Memorial de Aires* "Machado aborda o condicionamento do Brasil por seu passado colonial, gerador de hábitos que se prolongaram por muito tempo depois da Independência oficial".<sup>34</sup>

O pressuposto de John Gledson é que Machado de Assis pretendia, através de seus romances, "transmitir grandes e importantes verdades históricas, de surpreendente profundidade e amplitude".<sup>35</sup> Mas o fez através do emprego de um "realismo enganoso", em que o leitor, se não souber ler nas entrelinhas, decifrar a importância das datas citadas e interpretar símbolos, entra como "trouxa", como um "incapaz de perceber" o verdadeiro sentido do romance. Nesta maneira de pensar o *Memorial de Aires* pouca importância é atribuída ao fato de que ele seja dado como um diário tornado romance ou um romance em forma de diário. Interessa percebê-lo, e assim a todos os romances, enquanto alegoria.

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 240.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 248.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 17.

Façamos agora uma pausa, de valor retrospectivo. Tratamos até o momento de duas maneiras de pensar o *Memorial de Aires*: uma que o toma no interior da ficção do manuscrito encontrado, buscando entender o que significava no final do século XIX e início do século XX; outra que o pensa enquanto forma de narrativa autobiográfica, o que pode gerar uma ênfase tanto em seus poderes de verdade quanto em seu potencial enganador e, sobretudo, auto-enganador. A "Advertência" e as resenhas apontam também para outra possibilidade: a de se perceber o *Memorial de Aires* como um diário íntimo.

### Um diário tornado romance

Entre os críticos que publicaram sua avaliação do romance em forma de diário, esta possibilidade assumiu majoritariamente a forma de uma denúncia da inverossimilhança. O raciocínio é aquele que ficou lá atrás, nas resenhas citadas: o assunto principal de um diário íntimo é, por força, o próprio autor. Nesta forma de escrito, realiza-se antes de tudo o exame de si mesmo, é da própria personalidade que o narrador se ocupa. E, "no entanto, escrevendo o seu memorial de mais de quatrocentos dias, o *conselheiro Ayres* rarissimamente de si se ocupa". "Fala pouco de si mesmo, pouquíssimo de outros epizódios que, por força, se deviam suceder freqüentemente, todos os dias, na sua vida. / Não é natural!". Estranhamente, a despeito de se intitular *Memorial de Aires*, não é o conselheiro, mas sim "os seus conviventes [...], em suas vidas, nos seus hábitos e nos seus defeitos, os memoriados no seu trabalho".

Desenvolvendo igualmente esta possibilidade, Mário de Alencar trilhou um caminho diferente: transformou a exclamação de Medeiros e Albuquerque em uma interrogação.<sup>36</sup> Tratou de compreender como o *Memorial de Aires* podia ser um diário tornado romance:

Ayres é o mesmo Conselheiro Ayres, autor da matéria de *Esau e Jacob*. Aqui elle aparece como autor da obra, matéria e estylo. Entre um

---

<sup>36</sup> Mário de Alencar, em *Jornal do Commercio* de 24.7.1908, p. 2. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 475-483.

livro e outro, não ha, porem de commum senão o proprio Ayres e a irmã d'elle, que aliás em ambos é figura secundária na acção do romance.

[...]

A forma do diário em romance autobiographico não é rara e é relativamente facil; mas em *Memorial do Ayres* ha um romance alheio. Ayres fala pouco de si; o mais e principal que elle escreve no seu registro é a observação feita em outros, sem preconceito, como quem olha interessadamente a vida e a vai notando por gosto ou desfastio.

Observações escriptas assim não serão todas em si mesmas importantes; algumas podem parecer banaes, se não fôr considerado o conjunto dellas. A maior difficuldade num romance desse feitio é a escolha habil de actos que o formem pelo seu seguimento e interesse, sem comtudo deixarem de ter a naturalidade da escriptura dia da dia, a ausência de plano, a despreocupação em fazer romance, que é a feição propria de um jornal intimo. Escusado é dizer que Machado de Assis venceu a difficuldade de um modo cabal, como artista perfeito que é. Fez um romance dellicioso e fino, sem grandes lances dramaticos, mas admirável da vida e verdade.

[...]

Eu disse a principio que Ayres conta um romance alheio, e não fallei exacto. Nem alheio só, nem só d'elle. E o embaraço de o dizer vem do que sente o Conselheiro Ayres, e o autor do livro lhe faz contar com uma maestria de arte exquisita, cuja sobriedade, finura e naturalidade excedem todos os recursos conhecidos do romance psychologico. Ayres é sexagenario; o sentimento que lhe desperta a viúva Noronha não o direi eu, nem ninguém mais, senão Machado de Assis em poucas phrases, aqui e alli, por todo o livro, e nas entrelinhas do livro e na atmosfera d'elle. *E o estado de alma do Ayres crêa, juntamente com o estylo do livro, a naturalidade de romance nascido de um diario, que não tinha o intuito de o ser nem parecer.*<sup>37</sup>

Através da resenha no *Jornal do Commercio*, Alencar tornava público aquilo que já havia observado ao próprio escritor, em carta datada de dezembro de 1907.<sup>38</sup> Nessa ocasião, detalhava as impressões que lhe havia deixado a leitura – em primeira mão – do manuscrito do livro. Já então buscou encontrar a justificativa que os futuros resenhistas assegurariam não existir:

O *Memorial de Aires* tem, além dos outros meritos proprios do autor, a originalidade da fórmula do romance. Estou que ainda não houve nenhum,

---

<sup>37</sup> Ibidem, p. 475-476. Grifos nossos.

<sup>38</sup> Hélio Guimarães comete um pequeno deslize ao atribuir esta carta a José Veríssimo. Mário de Alencar foi o único a ler o romance antes de sua publicação, como o próprio Guimarães observa uma página antes. Ver GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 583-584.

com essa forma de diário, objetivo. Werther e os de seu genero são autobiografias, de composição relativamente facil. Mas um diário de anotações da vida alheia com a naturalidade de observações e comentarios íntimos, com o interesse crescente de um romance, e ao cabo um romance, é caso unico. A objeção que se poderia fazer é que não parece natural que um homem, escritor embora, sem querer fazer romance, se detenha a anotar factos, isoladamente insignificantes, relativos ás pessoas que conhece. Mas no caso do Aires a objeção não subsiste; porque Aires acha nas anotações uma maneira de exprimir o que ás vezes nele proprio é inconciente, o sentimento que tem por Fidelia. É um sentimento que ele proprio não define, mas existe e lhe leva o espirito e o coração presos da viúva; seria ainda amor, si ela o amasse; não sendo amado, é o gosto de ver como ela veio a amar o outro além do marido defunto. O que seria amor no primeiro caso, passa a ser interesse de filosofo no segundo. E, com essa contradição de sentimentos, fica perfeito o tipo de Aires, humano como as coisas humanas.<sup>39</sup>

Argumentação bastante convincente, cujos traços podemos encontrar em uma outra leitura do *Memorial* que, pensando-o também enquanto diário, examina aquela contradição que assinalamos bem ao início do texto: a de ser um escrito que se destina simultaneamente a leitor nenhum e ao maior número de leitores. Trata-se da interpretação de Hélio de Seixas Guimarães,<sup>40</sup> situada no interior de sua discussão sobre a construção ficcional do leitor na obra machadiana. Para o estudioso, "as mudanças da percepção e da expectativa do escritor em relação ao seu público teriam implicações no modo como os narradores se dirigem aos seus interlocutores nos romances".<sup>41</sup> Assim, o *Memorial de Aires* – em que o interlocutor é considerado por princípio como eventualidade, dúvida e acidente – seria o ápice de um processo de aprofundamento do isolamento e da solidão dos narradores, sempre preocupados com o número de leitores de seus livros e certos de que eles não são muitos.

Desta vez, o duelo não se dá entre personagens, nem entre o narrador e um interlocutor explicitado no processo da narração, mas no interior de

---

<sup>39</sup> In: NERY, Fernando (Org.). *Correspondência de Machado de Assis com Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Mário de Alencar e outros, seguidas das respostas dos destinatários*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1932, p. 190-191.

<sup>40</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Memorial de Aires e o leitor de papel. In: \_\_\_\_\_ *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 267-290.

<sup>41</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Introdução. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, cit., p. 27-28.



um narrador dividido entre o amor por Fidélia e a impossibilidade da realização desse amor [...] e que faz disso o assunto principal do diálogo que entabula consigo mesmo e resulta no diário íntimo, manifestação em papel do seu dilaceramento e de sua solidão.<sup>42</sup>

"Diário íntimo, manifestação *em papel* do seu dilaceramento e de sua solidão". Ao tratar desta maneira o segundo livro do conselheiro Aires, quem sabe se não estaria Hélio Guimarães buscando apontar para uma questão que as outras maneiras de pensar aqui analisadas não parecem contemplar: justamente a da novidade do *Memorial de Aires*? Pois se ela não está, certo, no recurso à ficção do manuscrito encontrado, que no século XIX sequer merece muita atenção dos críticos; e tampouco na forma autobiográfica da narrativa, que não era novidade nem no próprio Machado de Assis, quem sabe se não estaria, para seguir as indicações de Mário de Alencar, nessa forma do diário de um diplomata aposentado, que "não representou papel eminente neste mundo",<sup>43</sup> não fez tratados de comércio nem de limites, nem celebrou alianças de guerra?<sup>44</sup> Quem sabe se não estaria em ser o *Memorial* simultaneamente diário e literatura, ou, mais precisamente, diário tornado literatura?

Raquel Campos  
UFG / CNPq

Raquel Machado Gonçalves Campos é mestranda em história no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o projeto intitulado "Entre ilustres e anônimos: a idéia de história em Machado de Assis". É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

---

<sup>42</sup> Ibidem, p. 281.

<sup>43</sup> ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, cit., p. 946.

<sup>44</sup> Segundo o próprio Conselheiro afirma, em anotação do dia 31 de agosto de 1888 (ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, cit., p. 1142).